



## **UNIÃO EUROPEIA E AS CONSEQUÊNCIAS PARA A SAÍDA DO REINO UNIDO**

Letícia Suemi Koyama<sup>1</sup>  
Ramila da Silva Barros Santos<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduanda do curso de Relações Internacionais da USC. E-mail: suemikoy@hotmail.com

<sup>2</sup>Graduanda do curso de Relações Internacionais da USC. E-mail: ramila\_sbs@hotmail.com

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo apresentar o bloco econômico União Europeia, desde a sua formação, com os países fundadores e seus objetivos, até as consequências com a saída do Reino Unido, tanto para o bloco União Europeia, Reino Unido, quanto para a economia mundial. Mostrando uma visão crítica e ampla sobre os assuntos apresentados, junto com ideias de especialistas na área internacional.

**Palavras-chaves:** União Europeia. Reino Unido. Consequências. Economia Mundial.

### **1 INTRODUÇÃO**

Esse trabalho tem como objetivo tratar de discutir primeiramente sobre o funcionamento da União Europeia, desde sua criação até seu desenvolvimento e atualidade, tem como objetivo também tratar da atual crise que vem se alastrando no bloco e a partir disso mostrar as questões que levaram o Reino Unido a decidir se separar da União Europeia e discutir as possíveis consequências do chamado Brexit.

A União Europeia como conhecemos hoje teve início com o Tratado de Maastricht em 1991, porém os indícios de integração do grupo começaram muito antes disso, já em 1952 com a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA). O Reino Unido inicia sua participação em 1973 quando o grupo ainda era Comunidade Econômica Europeia (CEE).

A história da União Europeia como bloco político e econômico e a sua relação com o Reino Unido desde a sua criação nos mostra como a diferença de interesses

entre ambos foi um fator muito importante para a decisão da Grã-Bretanha de abandonar o bloco.

A decisão foi tomada a partir de um plebiscito que aconteceu no dia 23 de junho de 2016, a este se deu o nome de Brexit, que é uma junção das palavras em inglês Britain (Grã-Bretanha) e exit (saída). Embora já tenha sido votado, em termos técnicos o Reino Unido ainda continua no bloco, todas as mudanças não ocorrerão imediatamente e a saída só será oficializada depois de algum tempo.

Embora as consequências não sejam imediatas, o assunto já traz grande repercussão para o cenário internacional e já inicia uma grande discussão nas relações internacionais, já que a União Europeia é uma forte fonte de estudos para o entendimento e desenvolvimento das teorias de integração regional.

Além de fonte de estudos para as Relações Internacionais, a União Europeia é um importante Global Player e é o bloco econômico de maior relevância da atualidade, com o PIB do grupo em 2015 chegando a US\$16,27 trilhões e sendo reconhecido mundialmente pela excelência em tecnologia e serviços, além de ser um grande influenciador cultural mundial, depois dos Estados Unidos. A União Europeia dita muitos tópicos da agenda internacional e tem grande peso nas decisões mais importantes de caráter econômico e político nos dias atuais.

A escolha do Reino Unido de deixar o bloco também nos traz um questionamento do encaminhamento da União Europeia, seria esse o início do fim do bloco? Quais são as chances de outros países membros também quererem deixar o grupo? O que deve ser repensado dentro da União Europeia para que o grupo não perca sua força política e econômica e continue se desenvolvendo?

Todas essas questões serão tratadas no desenvolver do trabalho assim como outras questões a respeito do assunto.

## **2 CRIAÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA E PARTICIPAÇÃO DO REINO UNIDO NO BLOCO ATÉ OS DIAS ATUAIS**

A integração entre os países europeus tem início após a Segunda Guerra Mundial, quando os países da região estavam tentando manter a paz após o longo período de conflito através de acordos e cooperação econômica.

A partir dessa cooperação econômica surge em 1952 a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), que foi o princípio da integração siderúrgica e conseqüentemente integração industrial na Europa. Faziam parte desse tratado a Alemanha, a França, a Itália, a Bélgica, o Luxemburgo e a Holanda e pode-se dizer que esses foram os países fundadores da União Europeia que conhecemos hoje.

Em 1957 foi desenvolvido a partir do Tratado de Roma, a Comunidade Econômica Europeia (CEE) ou também chamada de Mercado Comum Europeu (MCE), que era um próximo passo da integração antes iniciada. Os países parte da CECA e os outros países do continente voltavam a crescer economicamente após a Grande Guerra e isso fomentou a necessidade de ampliar as relações entre os países da região.

O Reino Unido, a Irlanda e a Dinamarca se juntaram ao grupo em janeiro de 1973 e durante essa época o mundo passava por algumas turbulências no contexto histórico, como queda nos regimes ditatoriais em Portugal e na Espanha e conflitos no Oriente Médio.

Os próximos países a aderirem o bloco são Grécia em 1981 e cinco anos depois Portugal e Espanha. Em 1987 se dá início a um programa de seis anos que previa o Mercado Único, sendo chamado de Ato Único Europeu. Esse tratado tinha como proposta a livre circulação das mercadorias, dos capitais, dos serviços e das pessoas.

Com o fim do comunismo europeu entre o fim da década de 80 e o início da década de 90 houveram grandes crescimentos e mudanças na Europa quanto ao desenvolvimento de um bloco econômico. Isso foi marcado pela criação do que chamamos hoje de União Europeia, a partir da entrada em vigor do Tratado de Maastricht em novembro de 1993.

Em 1995 a Áustria, a Finlândia e a Suécia aderem ao bloco. Também na década de 90 acontecem o Tratado de Amsterdam e a Convenção de Schengen,

que colocam a livre circulação de pessoas e a abertura das fronteiras para os países signatários.

Novos países ingressam a União Europeia em 2004: Hungria, Eslováquia, Eslovênia, Bulgária, Polônia, República Tcheca, Lituânia, Letônia e Estônia, além das ilhas de Malta e Chipre. E em 2007 a Bulgária e a Romênia também começam a fazer parte do bloco.

O último país a integrar a União Europeia foi a Croácia, em 2013 e assim totalizando 28 países membros do bloco. Alguns outros países estão em processo de negociação para poderem aderir ao grupo porém o processo demora alguns anos e a adesão depende de alguns pontos requeridos pela União Europeia, como a existência de um sistema democrático no país e uma crescente economia.

Uma das grandes características do bloco é a importância do bem estar social nos países membros, em conjunto com o alto valor das economias presentes no grupo e a visão de potência política e econômica no cenário internacional, já que a União Europeia conta com umas das maiores potências do mundo como a Alemanha e o Reino Unido.

O caráter de bem-estar social está contido nas disposições de aplicação geral do Tratado de Lisboa:

Na definição e execução das suas políticas e acções, a União tem em conta as exigências relacionadas com a promoção de um nível elevado de emprego, a garantia de uma protecção social adequada, a luta contra a exclusão social e um nível elevado de educação, formação e protecção da saúde humana. (TRATADO DE LISBOA, 2007, artigo 10º).

A União Europeia tem características muito importantes que são estudadas pelas Relações Internacionais por se tratar do maior caso de integração regional que existe nos dias de hoje. Dentro do nível de integração da UE, os países membros cedem parte da sua soberania em competências específicas para o bloco, que conta com sete instituições que tratam dessas competências: o Parlamento Europeu, Conselho da União Europeia, Conselho Europeu, Comissão Europeia, Tribunal de Justiça da União Europeia, Tribunal de Contas Europeu e Banco Central Europeu.

Vale ressaltar que de acordo com o Tratado de Lisboa:

Cada instituição actua dentro dos limites das atribuições que lhe são conferidas pelos Tratados, de acordo com os procedimentos, condições e finalidades que estes estabelecem. As instituições mantêm entre si uma cooperação leal. (TRATADO DE LISBOA, 2007, artigo 13º).

Quando aderiu ao grupo, o Reino Unido tinha problemas em relação a inflação e também um declínio do setor industrial, e por esses motivos pensaram que aderir ao bloco seria uma boa saída para o que vinha ocorrendo na época.

Porem embora o Reino Unido sendo parte do bloco sempre se manteve um pouco distante das decisões do grupo. Um exemplo dessa independência em relação à UE é o Reino Unido não fazer parte do Acordo de Schengen e também não adotar o euro como sua moeda oficial, mantendo o uso da libra esterlina.

A questão que sempre mais implica o não estreitamento das relações entre o Reino Unido e a UE é que a região sempre quis estar no bloco dentro de suas próprias condições, ou seja, havia sempre um limite para a participação do Reino Unido, mesmo que esse tivesse grande voz nas decisões do bloco, que são tomadas a partir do princípio de proporcionalidade colocando o Reino Unido em uma posição relevante devido a sua economia em crescente desenvolvimento. O que desgasta a relação entre a região e o bloco é que muitas vezes o Reino Unido não tinha os mesmos pensamentos quanto a decisões de âmbito econômico e nos dias atuais também muitas decisões políticas.

Apesar das diferenças vistas sobre as questões citadas, os maiores parceiros econômicos do Reino Unido são países membros da União Europeia, como exemplo a Alemanha, que é o segundo maior exportador ficando atrás apenas dos Estados Unidos e também o primeiro em importações do Reino Unido, desbancando então países como China e Estados Unidos, que são grandes potências mundiais atuais.

Quando vamos mais além, na lista de parceiros econômicos da região, o número que aparece de países membros da União Europeia é grande. Grandes parceiros como Países Baixos, França, Itália, Noruega, países que levam grande parte da porcentagem de exportação e importação do Reino Unido e mostrando um pouco da fragilidade da região em âmbitos econômicos ao sair do bloco.

A escolha de não participar do euro pode gerar discussão porém manter sua própria moeda em momentos como a crise da Grécia, que foi extremamente prejudicial para a União Europeia e em consequência também prejudicou os países do bloco individualmente, deu a chance ao Reino Unido de não se encontrar tão atingido pela crise. É claro que os efeitos chegaram no mundo todo, mas as proporções do que foi causado na Grécia foi diferente em diversas partes do mundo e por isso se pode dizer que as proporções foram, mesmo que um pouco, menor no Reino Unido pela questão da moeda.

Isso mostra que embora haja uma certa distância entre o Reino Unido e a UE, o bloco ainda é uma fonte de mercados muito extensa para a região e a saída escolhida a partir do plebiscito pode e irá trazer graves consequências para os países do Reino Unido.

### **3 CRISE DA UNIÃO EUROPEIA E MOTIVOS PARA A SAÍDA DO REINO UNIDO**

Iremos tratar nesse tópico não apenas da crise econômica que vem trazendo prejuízos imensuráveis para os países membros do bloco, mas também da crise política e social que vem se alastrando a partir da questão dos refugiados na Europa.

Começando com a crise econômica, primeiramente é importante entender como se desenvolve a economia dos países do bloco e a sua relação com o euro. O euro só foi oficialmente introduzido no mercado em 2002 e desde então 19 países adotaram o euro como sua moeda. Grandes potências como a Alemanha abandonam suas moedas, que no caso era o Marco Alemão, uma moeda com alto valor internacional.

O objetivo da União Europeia em adotar uma moeda única para os países membros do bloco é impor limite e maior transparência aos custos cambiais e também as flutuações das taxas, além disso previa facilitar o comércio, indo além da exportação e importação, comércio para pessoas físicas, que podem circular entre os países da Zona Schengen sem nenhuma barreira e comprar produtos de outros países com a mesma moeda.

O euro nos dias de hoje é usado por 338,6 milhões de europeus e a existência da moeda única para estes países mostra a evolução da integração regional, que serve de exemplo para estudiosos e para outros países com objetivo de se integrar economicamente com países vizinhos, como exemplo o Mercosul.

Toda a política monetária do euro é trabalhada no Banco Central Europeu (BCE), que decidem as taxas de juros de referência e decidem a quantidade de moeda a ser circulada nos países. É de responsabilidade do BCE cuidar da estabilidade dos preços na zona euro. Embora exista o BCE e existam normas comuns para os países membros do bloco, cada país define sua taxa de imposto e o seu próprio orçamento.

A crise econômica, iniciada em 2008 após uma explosão da bolha imobiliária nos Estados Unidos teve efeitos no mundo todo e se alastrou até os países da União Europeia cerca de dois anos depois. Os primeiros países afetados pela grande crise atual foram Grécia, Portugal, Itália, Espanha e Irlanda.

A grande base da crise na União Europeia vem de dívidas públicas, quando os países gastaram excessivamente e houve um grande déficit das balanças comerciais. Os gastos excessivos somados da falta de coordenação política da UE para resolver esses problemas, gerou uma crise no bloco.

Países como a Grécia, que foi o primeiro a ser atingido em grandes proporções, chegou a ter um montante de dívidas públicas de 148% do PIB de 2010, chegando a cerca de 340 bilhões de euros, o que não é aceito pela União Europeia, que descreve que um país pertencente ao bloco não pode ter uma relação entre dívida pública e o PIB maior que 60%. Porém embora tenha sido discutido a saída da Grécia do grupo, por suas dívidas estarem afetando os outros países do bloco e desestruturando o BCE, o país continuou membro do bloco e contou com empréstimos gigantescos do FMI e também do BCE para poder tentar se reestruturar, isso junto com uma política de austeridade imposta pela União Europeia, que prevê um aumento dos impostos e reduções de salários, política que causa insatisfação da população.

O BCE se pronunciou em 2008 durante um relatório que fala sobre as medidas tomadas para conter a crise:

Em outubro de 2008, os países da área do euro e o Reino Unido concordaram em empreender uma ação coordenada, subsequentemente aprovada pelo Conselho Europeu, com vista à estabilização do setor financeiro, incluindo a recapitalização das instituições financeiras e a garantia de empréstimos e depósitos. (RELATÓRIO DO BANCO CENTRAL EUROPEU, 2008, p.83)

Os outros países também com dificuldades econômicas passam por um processo de alta taxa de desemprego e dívida alta, o consumo nesses países caiu e muitos estão adotando cortes de orçamento e despesas para tentar conter a crise. O país que mais financiou as ajudas aos países em crise na zona euro foi a Alemanha mesmo este também tendo dívidas públicas altas.

Esse pode ser considerado um dos pontos para a escolha do Reino Unido de deixar a União Europeia, junto com a crise econômica, é muito importante ressaltar a recente onda de imigrantes refugiados que estão se encaminhando para muitos países da Europa fugindo das guerras civis de seus países, a questão é chamada de “crise dos refugiados”.

A guerra civil da Síria, principal país de onde saem os refugiados, se iniciou em 2011 a partir da Primavera Árabe<sup>1</sup> e já levou, segundo a ONU cerca de 900 mil refugiados até a Europa, gerando uma grande crise política e social dentro do bloco. Os países que mais receberam refugiados foram a Alemanha, Sérvia, Suécia, entre outros. O Reino Unido preza pela soberania nacional e quer ter o controle das fronteiras da região, além de serem nacionalistas, a região não estava muito de acordo a receber um grande número de refugiados e tampouco receber um grande número de imigrantes dos países da União Europeia em busca de empregos e oportunidades econômicas.

Durante todo o período de desenvolvimento da União Europeia como um bloco de integração regional, houve muitos grupos chamados eurocéticos que são contra o projeto e levam muitos argumentos do porquê a União Europeia não é uma boa escolha para os países em questão.

---

<sup>1</sup> Onda de protestos e revoluções que ocorreram no Oriente Médio e Norte da África para reivindicar melhores condições e a derrubada de políticas ditatoriais.



Começando com os pontos já citados e somando a pressão desses grupos eurocéticos e também do partido Ukip, um partido nacionalista com crescente repercussão do Reino Unido, foi decidido a realização do referendo, o chamado Brexit, para decidir se o Reino Unido deveria permanecer na União Europeia. A questão colocada no plebiscito era “deve o Reino Unido permanecer como membro da União Europeia ou sair da União Europeia?”.

O plebiscito foi realizado sob o comando do então primeiro ministro David Cameron, que havia prometido realizá-lo caso vencesse as eleições. David era pró-UE e o resultado do referendo acabou indo contra suas crenças. Junto com Cameron, estavam a favor da permanência do Reino Unido no bloco os partidos Trabalhista, galês Plaid Dymru, Nacionalista Escocês e o Liberal Democrata. Vale ressaltar que países também manifestaram suas crenças como França e Alemanha, que também se mostraram a favor da permanência e também Barack Obama, presidente dos Estados Unidos.

As tensões entre o Reino Unido e a UE vão desde o nacionalismo regional britânico até a desconfiança do governo de Bruxelas em relação ao bloco. Questões como o controle de fronteiras e a segurança nacional também é um fator de retórica para os eurocéticos. Os eurocéticos ganharam o referendo com uma margem de 51,9% a 48,1%.

Acredita-se que o resultado terminou assim por uma série de motivos, além daqueles que serviram de motor para a realização do referendo em si.

Além do já citado difícil relacionamento entre os países do Reino Unido com a UE, da crise migratória que vem aumentando cada dia mais no território europeu e da crise econômica que trazia temor a população britânica, a campanha pela saída do Reino Unido contava com uma promessa de dinheiro para a saúde, que dizia que seriam investidos semanalmente 350 milhões de libras com a saída do bloco, o que certamente foi uma jogada de marketing muito inteligente e também enganador usada durante toda a campanha, já que o número é impossível de ser realizado.

A desconfiança no primeiro-ministro David Cameron também foi um dos fatores que levou a saída dos países do bloco. Cameron que estava a favor da permanência usou um discurso de promessas de reformas e mudanças nas relações

dos britânicos com o bloco que não foi bem aceito pelos conservadores do seu partido e também pelos trabalhadores. A realidade é que a população estava descrente que Cameron conseguiria cumprir com suas promessas e que as propostas de reformas e mudanças não seriam o suficiente para melhorar a relação com o bloco. Após o fracasso do referendo, o primeiro-ministro renunciou ao cargo.

Outro ponto que levou a decisão da saída do bloco foi a falta de apoio da classe trabalhista, que além de ter pouca participação na votação não estavam convencidos das propostas dos pró-UE, que são líderes no parlamento europeu, contando com 90% do Partido Trabalhista a favor de continuar na UE.

O eleitorado com maior idade também foi um fator decisivo. Os mais velhos querem manter as tradições, manter a distância do Reino Unido com relação ao restante da Europa e não estão muito convencidos das consequências positivas do bloco. A crença de que a globalização trouxe dificuldades e eliminou a essência da cultura dentro dos países europeus é um dos discursos dos eleitores mais velhos britânicos.

O apelo popular da campanha a favor da saída do bloco contava com grandes nomes da política britânica como o ministro da Justiça Michael Gove e o ex-prefeito de Londres Boris Johnson, que percorreram todo o país liderando o manifesto eurocético, além do líder do Partido Independente do Reino Unido (Ukip) Nigel Farage.

#### **4 EFEITOS DA SAÍDA DO REINO UNIDO NA UNIÃO EUROPEIA E NO MUNDO**

A saída do Reino Unido da Grã-Bretanha (UK) da União Europeia(UE) foi efetivada por meio de eleições no mês de julho de 2016. A votação foi bem apertada, 51,9% a favor e 48,1 contra a saída do bloco, os que votaram para a permanência na UE são os jovens entre 18 a 25 anos, é a geração que se diz a mais afetada pela decisão do Reino Unido. A Saída do bloco está estabelecida no próprio tratado da União Européia.

Qualquer Estado-Membro pode decidir, em conformidade com as respectivas normas constitucionais, retirar-se da União. II. Qualquer

Estado-Membro que decida retirar-se da União notifica a sua intenção ao Conselho Europeu. Em função das orientações do Conselho Europeu, a União negocia e celebra com esse Estado um acordo que estabeleça as condições da sua saída, tendo em conta o quadro das suas futuras relações com a União. Esse acordo é negociado nos termos do n.º 3 do artigo 218.º do Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia. O acordo é celebrado em nome da União pelo Conselho, deliberando por maioria qualificada, após aprovação do Parlamento Europeu.” (TRATADO DE LISBOA, 2009, Artigo 50º).

Os partidos que votaram para a saída colocaram em pauta a questão das fronteiras, leis impostas, imigração sem limite e influência que a UE obtinha sobre os países do Reino Unido. Discutiram também sobre o investimento que faziam no bloco para auxílios aos países menos desenvolvidos ou em crise, esse investimento (aproximadamente 11 bilhões, segundo dados de 2014) feito na UE seria revertido em investimento no próprio Reino Unido, nas áreas de saúde e educação do país.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) falou sobre a eventual crise para o Reino Unido. Os Estados Unidos também salientou que a Grã-Bretanha ficaria por último em suas negociações, mas não foi o suficiente para a permanência no grupo.

Especialistas como Iango Ploger e Marcelo de Paiva Abreu apontaram alguns pontos negativos em curto e em médio prazo, colocando em questão também a relevância da saída do Reino Unido para outros países como o Brasil.

Um dos pontos negativos provocados pela saída do bloco seria o desequilíbrio financeiro. O valor da libra caiu 10% do seu valor um dia após a decisão de sair do bloco, e foi o menor valor atribuído em 30 anos. Não foi diferente para o euro que também teve uma queda. Segundo a Associação Industrial CCI, haverá uma queda na economia para os britânicos em 128 bilhões de euros até 2020, pois demorarão anos para refazerem os acordos de livre comércio com os países que fazem parte da UE, fazendo com que algumas empresas como a Nissan cogitem a sua saída e mudem suas atividades para outros países, pois haverá barreiras comerciais para exportação em países membros da UE. Além disso, bancos poderão virar as costas para Londres. Um dos grupos financeiros como Gromonn Sax, por exemplo, tem uma grande probabilidade de se mudar para Frankfurt, pois há interesse do grupo em permanecer na UE, fazendo com que a

bolsa de valores de Londres seja abalada; entre outras dificuldades que Reino Unido passarão.

Deve-se pensar também que metade das exportações feita pelo Reino Unido vão para UE, podendo ter possivelmente um rombo nos cofres públicos e uma queda nas receitas dos países.

Outro ponto importante é que pode acontecer uma desintegração no próprio Reino Unido, pois há uma possibilidade da Escócia se desintegrar do bloco, pois além de terem votado para a permanência na UE , perderão os acordos comerciais, os quais ajudaram muito para o crescimento do país.

Para a UE, a saída do Reino Unido mexe bastante com a potência do bloco, tornando-o enfraquecido, pois é um dos principais países que movem à economia da UE, deixando também aberto a questão para outros países em se retirar do bloco. Países como a França e a Holanda já haviam cogitado a desintegração do bloco, e o atual acontecimento pode abrir portas para a efetivação do mesmo.

É um momento oportuno para que haja uma mudança no tratado de Londres, como ter uma integração diferenciada, deixando os países adotar os mecanismos que mais convêm para eles, assim não tendo o porquê os países cogitarem a saída no UE.

O investimento antes feito pelo Reino Unido provavelmente será colocado no orçamento da Alemanha, um dos principais países que fazem parte da UE, visto que é preciso continuar com a fonte de renda para conter a crise na zona do euro.

O Brasil também perde com a saída do Reino Unido na UE, já que a relação entre o Mercosul e a UE era uma questão a ser fortalecida pelo governo do presidente Michel Temer. O acordo de livre comércio feito pelos dois blocos tinham um apoio importante do ex-ministro David Cameron, já que o acordo fortalecia a relação comercial entre Brasil e Reino Unido. Essa decisão então pode pesar ainda mais para a crise brasileira, caso o Brasil não repense em novas alianças e não fortaleça as relações na América do Sul, procurando novos mercados para acordos bilaterais ou multilaterais.

Os países que focam em grandes economias têm tanto a perder quanto a ganhar, pois a situação que ocorre do Reino Unido para o mundo mostra muito isso,

muitas pessoas serão prejudicadas, principalmente estudantes ou moradores estrangeiros de todos os países.

A política mundial esta em total colapso, pois a maioria da população esta cansada de ouvir a voz dos especialistas, pois todas as crises e todas as desavenças entre os países são cometidos por tais especialistas tecnocratas, por obterem uma estrutura muito burocrática e supranacional.

A nova geração do mundo está reagindo contra a globalização. Vemos isto no fechamento de portas para a imigração, saída de blocos econômicos que prejudicam os comércios e relações entre países. Um exemplo disso é o Brasil, que está “fechando as portas para o próprio Mercosul”, direcionando seus comércios a poucos países, sendo dependente e ficando mais propenso a entrar em novas crises.

A globalização pretende ser uma mudança qualitativa da internacionalização, na medida em que grandes progressos em comunicação e transporte aproximaram ainda mais todos os povos nos sentidos material e cultural. Outro fator tão ou mais significativo da globalização foi o prolongado período de paz que se seguiu à II Guerra Mundial, não obstante as várias guerras locais travadas principalmente na Ásia e na África. (SINGER, 1997, p.40).

A riqueza global que depende de todos os países deveria ser algo transparente e para todos. Deveriam agir de forma em que respeitassem todos os acordos de cooperação, abrir novas oportunidades para povos de diferentes culturas, fazendo com que todos vivam bem e evitando ainda mais a guerra.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do artigo abordamos sobre o bloco econômico União Europeia e sobre a saída do Reino Unido, falamos sobre as consequências tanto positivas quanto negativas para o bloco e para o mundo.

A União Europeia foi criado para integração dos países da Europa, para restabelecer a paz e auxiliá-los na economia após grandes anos de conflitos (Segunda Guerra Mundial). Obteve sucesso em seus planos, houve um

desenvolvimento do bloco nos anos 90 e conseguiram integrar 28 países no bloco UE.

Ao longo dos anos o Reino Unido teve algumas discordâncias em relação a UE, fazendo com que em junho de 2016 houvesse um plebiscito onde foi decidido a saída do Reino Unido. A opção para a retirada de algum país do bloco estava no artigo 50 do Tratado de Lisboa que foi assinado em 2009.

Observou-se que de imediato teve alguns pontos negativos como a queda do euro e alguns países como os Estados Unidos da América que declarou que os acordos com a Grã-Bretanha voltariam para o final da fila, porém algumas outras consequências serão em médio e longo prazo não tendo uma certeza de que realmente acontecerá, mas há especialistas que dizem e decorrem sobre o assunto.

A certeza que temos em relação ao acontecido é que o Reino Unido demorará um tempo para reestabelecer todos os acordos de livre comércio que obtinha dentro da União Europeia, dificultando um pouco a economia do país.

## **EUROPEAN UNION AND THE CONSEQUENCES TO EXIT OF THE UNITED KINGDOM**

### **ABSTRACT**

This article aims to present the European Union bloc, since its formation, with the founding countries and its goals, until consequences to the UK exit, both the European Union bloc, the United Kingdom as well as the world economy. Showing a critical and broad view of the issues presented, along with expert ideas in the international area.

**Key-words:** European Union, United Kingdom; Consequences; World economy.

### **REFERÊNCIA**

União Europeia : uma Eupora pacífica – início da Cooperação  
< [https://europa.eu/european-union/about-eu/history/1945-1959\\_pt](https://europa.eu/european-union/about-eu/history/1945-1959_pt) >

O que é Brexit: como pode afetar o Reino Unido e a União Europeia

<http://noticias.r7.com/economia/noticias/entenda-a-crise-na-europa-20100526.html>  
>

O que realmente significa Bretix

<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36555376> >

Uma dica de Tóquio

<http://www.economist.com/news/britain/21706470-theresa-mays-ministers-are-carefully-avoiding-specific-answers-she-systematically> >

Fato e Ficção - a crise que ainda não chegou

<http://www.economist.com/news/britain/21706348-dire-prophecies-doom-have-not-come-trueyet-economy-slowing-fact-and-fiction> >

Para de me dizer para superar o Bretix – Não é assim que a democracia funciona

<http://www.independent.co.uk/voices/brexit-eu-referendum-article-50-stop-telling-me-get-over-it-not-how-democracy-works-a7336926.html> >

Razões pelas quais os britânicos votaram pela saída da União Europeia

<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36609225> >

Tratado de Lisboa 2009

< [https://www.parlamento.pt/europa/Documents/Tratado\\_Versao\\_Consolidada.pdf](https://www.parlamento.pt/europa/Documents/Tratado_Versao_Consolidada.pdf) >

Globalização Positiva e Globalização Negativa: Quem muda é o Estado, 1997

[http://novosestudios.org.br/v1/files/uploads/contents/82/20080626\\_globalizacao\\_positiva.pdf](http://novosestudios.org.br/v1/files/uploads/contents/82/20080626_globalizacao_positiva.pdf) >

O Euro [http://europa.eu/european-union/about-eu/money/euro\\_pt](http://europa.eu/european-union/about-eu/money/euro_pt) >

Causas para crise na Europa

<http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/contas-publicas/mundo/causas-da-crise-na-europa-o-problema-fiscal-enorme-divida-publica-consequencias-reservas-baixas-o-aumento-das-taxas-de-desemprego-divida-publica-em-relacao-ao-pib.aspx>>

Cronologia: A Crise da zona do Euro se desdobrando

<http://www.bbc.com/news/business-13856580>>

Refugiados Sírios são 4,8 em países vizinhos e 900 mil na Europa, diz ONU

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/refugiados-sirios-sao-48-mi-em-paises-vizinhos-e-900-mil-na-europa-diz-onu.html> >